

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – HABILITAÇÃO POLÍTICAS
PÚBLICAS

PAULO HENRIQUE ALVES MOREIRA

MISOGINIA ENTRE PESSOAS GAYS, LÉSBICAS, BISEXUAIS E
TRANSGÊNEROS: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO A PARTIR DA
EXPERIÊNCIA

Goiânia-GO
Junho de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – HABILITAÇÃO POLÍTICAS
PÚBLICAS

PAULO HENRIQUE ALVES MOREIRA

MISOGINIA ENTRE PESSOAS GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS E
TRANSGÊNEROS: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO A PARTIR DA
EXPERIÊNCIA

Trabalho Final de Curso (monografia) apresentado à Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais com Habilitação em Políticas Públicas sob orientação da Profa. Dra. Eliane Gonçalves.

Goiânia-GO
Junho de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim pelo meu esforço, dedicação, depois de ter passado por muitas coisas até chegar aqui, agradeço pelas pessoas que acreditaram na minha credibilidade dentro e fora do âmbito universitário.

Agradeço a todos os trabalhadores do Brasil, de um modo em geral mesmo eles não sabendo em sua grande maioria que contribuem também com uma parte de seus impostos para que a educação municipal, estadual e federal continuem erguidas.

Agradeço as pessoas que acreditaram em mim e também que me ajudaram neste trabalho, que para mim e para outros alunos com certeza, é um trabalho árduo e custoso.

Agradeço a Wallace de Oliveira, Maiara Raquel Campos leal, Jordana Ferreira, Lidia Lacerda, José Roberto da Silva Nascimento, Guilherme de Freitas Leal, Deyvid Moraes, Caiene Ranier, Tarciso Barros, Marcella Arantes, Arlindo Mendonça de Faria Netto e, por último agradeço imensamente à minha professora e orientadora, Eliane Gonçalves, por ter acreditado em mim desde o primeiro dia de aula que tive em 2011. Agradeço-a por dedicar-se, pelo seu esforço, pela credibilidade e visibilidade, em ambiente extremamente rígido e tradicionalista. Por mais que tenhamos uma visão de uma universidade pluralista, ao que pude ver, é uma enorme limitação.

Por isto venho por este trabalho, mostrar minha indignação, meu grito de socorro, uma forma de mostrar, à academia de Ciências Sociais, como o grupo LGBTQ+, tem passado há muito tempo.

Meu muito obrigado à minha família por nunca ter me dado credibilidade, respeito, atenção pelo fato de ser uma pessoa que me autodefino um garoto gay, afeminado, transgênero, *queer*, não só minha família como aqueles que não levaram a sério que exista sim uma misoginia contra gays afeminados, pessoas transexuais, contra gays negros afeminados e a mulher, a mulher trans negra e as mulheres heteronormativas.

Agradeço a deus também por nunca ter me dado nada, se não fosse por esforço próprio não estaria hoje terminando este trabalho, nada contra as pessoas religiosas, porém acredito em forças positivas e nas negativas. Por fim, agradeço a todas as pessoas que estiveram comigo sempre, nos momentos bons e ruins.

Meu muito Obrigado!

RESUMO

O tema dessa pesquisa se inscreve na problemática geral da sexualidade e do gênero em suas articulações com classe, raça, geração e corporalidades. Essa pesquisa aborda o tema do gênero e sexualidade sob o prisma da misoginia praticada contra os gays afeminados, inclusive e talvez, principalmente, por outros homens gays. Partirei da minha experiência de homem gay jovem, autodefinido como um gay afeminado, estudante do curso de ciências sociais da UFG no período de 2011-2018. Para que essa pesquisa acontecesse, eu Paulo Henrique usei um método pouco usado, que é o falar sobre si, que nada mais que falar do meu próprio eu. Uso o método socioantropológico definido como autoetnografia ou autobiografia, inspirado no interacionismo simbólico, para citar minha vida cotidiana dentro e fora do âmbito LGBTQ+ nos espaços da Universidade Federal de Goiás. Sendo morador e aluno e também por ter trabalho em determinados ambientes como bolsista e estagiário e também uso minha vida privada para falar da questão da misoginia dentro e fora dos ambientes universitários, para que a própria comunidade LGBTQ+ possa ter mais visibilidade dentro dos seus próprios espaços.

Palavras-chave: Misoginia; População LGBTQ+; UFG; Autoetnografia.

SUMÁRIO

Introdução e percursos metodológicos	6
Capítulo 1 - Um olhar ao nosso redor	11
Capítulo 2 - Experiências vividas	18
Considerações Finais e Políticas de abrangência ao grupo LGBTQ+.	29
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Ao falar sobre misoginia, logo associamos o termo ao feminismo e às mulheres. Misoginia pode ser compreendida, grosseiramente, como uma repulsa ou aversão ao gênero feminino ou àquilo que remete ao feminino (GONÇALVES; BORGES, 2015). Nessa pesquisa pretendo abordar o preconceito derivado da misoginia contra os gays afeminados por parte do grupo LGBTQ+¹ e sua relação com o feminismo e como se desenvolve essa estereotipia entre os distintos grupos de gays masculinos.

Sempre existiu uma discussão em torno de qual seria o termo correto para exemplificar “aquele homem” que possui ou se predispõe a ter um estereótipo feminino. Não é errado dizer “afeminado”; mas provavelmente você já ouviu dizer que o certo é “efeminado”, pois o prefixo “a” significa negação. Etimologicamente é até o mais correto e usarei nessa pesquisa o termo afeminado, problematizando essa negação, que desenvolverei ao longo da pesquisa. Porém quando tratamos de estereótipos, a figura do afeminado nos remete a figura do feminino, que não é uma mulher, mas de um modo geral remete a ideia estereotipada de uma mulher feminina, como a sociedade a vê de uma forma geral (DPNN, 2011, p.1).

Considero importante o tema, pois essas relações acabam se tornando conflituosas entre distintos grupos de homens gays. Além de envolver a sociedade como um todo. O gay afeminado é relacionado ao feminino como aquele que possui hábitos e trejeitos femininos, ou como a sociedade imagina que uma mulher se comporta ou se veste, por exemplo.

O problema da pesquisa gira em torno da seguinte questão: Como se explica que homens gays, um grupo ostensivamente discriminados reproduzam a discriminação com outros homens igualmente gays? Serão as mesmas razões que levam a sociedade a discriminar as mulheres, o feminino? A sociedade impõe desde sempre que o homem tem que ser homem e a mulher tem que ser mulher. Pergunto a mim mesmo: existe uma forma concreta de como ser um homem e outra de como ser uma mulher? Será que o homem não pode chorar ou a mulher tem que ficar só dentro de casa cuidando da casa e

¹ Sigla que cada vez engloba uma marca da diferença e que não se apresenta sempre com a mesma sequência. Aqui uso lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros/transsexuais, *queer* (que engloba uma variada gama de sujeitos não binários, fluidos, flutuantes, com identidades não fixadas) e mais (quem mais vier!).

dos filhos, cozinhando e esperando o marido, será que é isso ser homem ou ser mulher? Sabemos que não. Pois ao longo da história moderna, a mulher vem ocupando cada vez mais espaços que antes não lhes eram concedidos. Ainda existem imposições de papéis dentro da sociedade, mas que vem se modificando, lentamente. As mulheres ainda são muito discriminadas e vítimas de abusos impostos por uma sociedade patriarcal, tradicionalista e binária. O mesmo ocorre com os gays, que também representam uma minoria que é constantemente subjugada na sociedade.

Trago para minha pesquisa o porquê do afeminado sofrer tanto preconceito pelo seu estereótipo dentro de um grupo que se autoafirma gay e tem preconceito com outros gays. O que me leva a propor essa pesquisa e me intriga é essa problemática entre ser gay e ter o estereótipo de homem “heteronormativo”. Por que esse preconceito tão brutal em cima dos gays, no geral, e principalmente em relação àqueles gays afeminados? Quero compreender o porquê que o comportamento afeminado gera tanta humilhação, discriminação e violência. Por vezes chegando ao banimento do gay afeminado nos distintos nichos de gays. Quero ressaltar que me interessa compreender especificamente, o preconceito entre os gays masculinizados em relação aos afeminados.

Muitas pesquisas e análises que citam a misoginia, afirmam que os afeminados sofrem grandes constrangimentos derivados de pessoas misóginas, homofóbicas, bifóbicas, transfóbicas que creem que homens e mulheres são as únicas identidades de gênero possíveis, argumento muito difundido entre determinadas crenças religiosas. Esses “radicais” religiosos acreditam que o “O SER HUMANO” (heteronormatividade) seja a única forma de relacionamento abençoada por Deus e que não pode existir amor entre pessoas do mesmo sexo. Os afeminados sofrem preconceito por causa de suas vestimentas, sendo que os parâmetros sociais impõem que homens e mulheres se vistam de forma mais enquadrada ao seu “gênero”, que “tem” que ser masculino ou feminino, ou seja, homem ou mulher. Qual a forma de se vestir? O que isso significa? Por que os padrões sociais são tão rígidos quando se trata das questões sobre gênero e sexualidade? As pessoas que se vestem de uma forma menos formal sofrem um preconceito a mais.

Ser uma pessoa “diferente” já está fora dos parâmetros sociais da sociedade, o afeminado tem uma forma mais aproximada do feminino, porém a mulher sempre foi criticada. A mulher sempre teve um valor social “diferenciado” do homem. Então, se a

própria mulher é discriminada, os afeminados também são alvos, pois são pessoas que se espelham no feminino. Como dissemos, será que a mulher tem que ser necessariamente feminina para ser mulher? Nessa questão venho abordar sobre a discriminação social que reflete nos grupos afeminados, principalmente, entre os homens, gays e afeminados.

No mesmo grupo que estou chamando de afeminado são classificadas várias categorias diferentes. Eu estou me baseando na experiência da convivência com esses “tipos”. Pretendo pensar as classificações dessas diferenças nos distintos grupos de homens gays. Citarei alguns exemplos: temos gays afeminados masculinizados que usam barba e cabelos curtos. Tem o grupo dos malhados, bombados, góticos, Barbies, etc., que se impõem como homens gays masculinizados diante de uma sociedade, exigindo direitos e um espaço, mas que praticam o machismo heteronormativo contra os gays afeminados.

Há afeminados totalmente estereotipados, não se travestem, mas usam maquiagens, tal como o grupo dos “góticos suaves” que são grupos de gays geralmente entre 17 e 22 anos, na grande maioria magra. Usam roupas mais coladas e cores como o preto, o azul escuro ou roxo, ou seja, cores escuras. Sempre estão de barbas e maquiagens, mas quando vão se maquiar se espelham no feminino, em vez de passarem batons roxos ou pretos, preferem o vermelho escuro, ou vermelho sedução, suas sombras são sempre mais claras, mais vivas e que remetem mais ainda à mulher. Nas conversas referem a si próprios no feminino e de modo geral quase não gostam de falar sobre sexo.

Explorar essas contradições e problematizar esta questão é o objetivo desta pesquisa autobiográfica ou autoetnográfica.

Percurso metodológico: escolhas e caminhos percorridos

A metodologia utilizada é o relato autobiográfico ou autoetnografia, em grande medida inspirada no interacionismo simbólico que, segundo Maines (2001), confronta a veracidade e objetividade de histórias de vida narradas por um pesquisador externo, sendo, portanto, uma escrita de si que se propõe a mostrar o vivido, a expressão empírica do social cuja credibilidade é conferida pela narrativa em primeira pessoa. O

centro da narrativa sou eu mesmo, tendo os episódios que marcaram minha trajetória como aluno de graduação no curso de ciências sociais, políticas públicas, da UFG, narrados em primeira pessoa e focalizam situações vividas ao longo dos sete anos de vivências dentro e fora do Campus, incluindo a moradia (Casa do Estudante da Praça Universitária), os pátios, a circulação pela cidade, os ônibus, o RU (restaurante universitário), os bares, as rodas de colegas, a sala de aula, enfim, todo o ambiente no qual meu corpo e minha subjetividade tiveram um lugar e provocaram reações diversas. Atenho-me às reações fóbicas e violentas expressas por insultos e humilhações de diferentes modalidades (homofóbicas, misóginas etc.), mas também às relações de amizade, companheirismo, solidariedade sem as quais não estaria produzindo este TCC.

Enfim, quero pensar a misoginia a partir das experiências que tive como homem “afeminado”, vivendo no ambiente da UFG. “De um ponto de vista situado e marcado (Donna Haraway, 1995), eu sou o meu próprio objeto de pesquisa reflexiva. Já tive diversas experiências de misoginia contra o meu “tipo afeminado”, desde o primeiro dia de aula na faculdade. Experiências que relato e que correlaciono com diversos teóricos ao longo da minha pesquisa.

A partir do vivido, da experiência, analiso como posso e acompanhado de autores e autoras de diferentes correntes teóricas, tais como a sociologia da experiência, o interacionismo simbólico, a sociológica das emoções, a sociologia reflexiva e os estudos feministas, *queer*, *gays* e lésbicos, cuja produção é imensa.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: no Capítulo 1 abordo a forma de como fui percebendo, sobre uma perspectiva de forma não normativa em minha percepção sobre certos grupos dentro do próprio grupo LGBTQ+, antes mesmo de ter minha entrada na faculdade, por ter uma visão normativa que eu achava, pois acreditava o que era imposto a mim, uma visão distorcida sobre gênero, raça e entre outros. Mostro uma certa visão que nos é posta daquilo que é considerado como certo e errado do ser homem e ser mulher dentro da sociedade e como isso reflete em nós mesmos.

No Capítulo 2, começo a mostrar no topo da visibilidade de como a violência simbólica e física da moradia “Casa do Estudante 1 da UFG”, pois falo da questão de como somos vistos e tratados pela comunidade como pela assistência da Universidade,

também abordo sobre minha visão e posição de escolha, desde quando eu comecei a ver que o que eu sofria dentro de casa até os dias de hoje. Mostro de um modo geral a forma que dentro do grupo LGBTQ+, dentro e fora da universidade, um olhar que em sua grande maioria, tem uma visão ainda tradicionalista e machista, de sua grande maioria partindo por gays masculinizados. Também falo sobre relatos de dentro da moradia estudantil, casa 1 onde morei toda a minha trajetória, também relato os lugares onde trabalhei dentro da Universidade Federal de Goiás.

Finalizo com minhas considerações finais também falando sobre políticas públicas voltadas ao grupo LGBTQ+, por mais visibilidade. Tento mostrar as formas de rejeição dentro da Faculdade de Ciências Sociais e fora dela, nos âmbitos onde percorremos, a forma de rejeição de um olhar social normativo que a sociedade nos impõe, uma forma totalmente tradicionalista e normativa, patriarcalista, pois saindo dessa redoma social que se foi criada, nos do grupo LGBTQ+, falo da dor e do que sofremos, por não termos a forma imposta pela sociedade, que homem tem que ser homem, se posicionar como homem e a mulher tem que ser mulher, feminina no extremo da feminilidade, se emponderar-se na cozinha por exemplo, nunca em posições onde nos cargos e posições só homens têm voz ativa e visibilidade. E, por fim, falo das políticas de melhoria á comunidade não só LGBTQ+ como toda a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Goiás.

CAPÍTULO 1

Um Olhar Ao Nosso Redor

A forma de opressão sobre os gays não é novidade nem na academia nem na vida mundana. Quantos gays não conseguem vencer o preconceito dentro de sua própria casa, não conseguem se expressar, e de certa forma, são submetidos a métodos totalmente ridículos de vivência, que a sociedade, a igreja, a família, os amigos, a escola e todos os mecanismos disciplinares impõem as pessoas. Infelizmente ainda não se debate em torno da sexualidade e também sobre o gênero dentro das instituições de ensino em geral, e isso não passa para os jovens uma imagem que falar sobre sexo e afins é possível e que podemos ter a visibilidade dessa nossa sociedade nos dias de hoje, sobre o tema. Sem isso permanecem mentalidades preconceituosas e preconcebidas, de forma até surreal.

Para falar sobre ser feminino nada melhor que recorrermos à Judith Butler (2003) e Marcia Tiburi (2015), duas pesquisadoras e ativistas feministas, muito respeitadas no meio acadêmico. O feminismo é, sem dúvida, uma luta pelos direitos das mulheres, como sempre foi, mas é também uma desmontagem do que chamamos de “mulheres”. Por fim, dos homens e, no extremo, do gênero como um todo. A questão de gênero não será apenas um problema do ativismo, o que já seria demais para o pensamento da dominação masculina, mas também, e mais gravemente, um questionamento da identidade e do princípio que rege sua lógica. Judith Butler (2003) sabe provocar o leitor, trabalha a questão do poder e como este se confunde com a “verdade” sobre algo como identidade sexual de gênero.

Falar sobre o feminismo e gênero é falar também de sexualidade e sexo ao mesmo tempo. Como podemos reprimir o que o outro representa. Qual é a nossa capacidade de entendimento em relação ao outro ser humano? Todos nós temos sentimentos, nos preocupamos com o que o outro irá dizer sobre nossas fantasias, desejos, confissões, ligações, vontades. Essencialmente, nos preocupamos como a sociedade nos vê e como nos comportamos diante dos outros. Marcia Tiburi (2015) no livro “*Como conversar com um Fascista*”, afirma que a percepção do outro é muito

difícil. Devemos aprender separar as coisas, principalmente, quando se trata de identidade de gênero, identidade sexual, identidade de raça, onde na verdade tudo isso se refere ao nosso próprio entendimento como pessoa e como ser humano sobre o outro e as relações que criamos.

Quando falamos sobre sexualidade, o que nos vem à mente são ideias pré concebidas e por vezes preconceituosas, resquícios de uma sociedade machista. Os papéis são definidos e imutáveis. As identidades são rígidas e demarcadas, quando quebramos essas barreiras somos vistos como desviantes e problemáticos. A mulher deve ser feminina, estar em dia com o salão de beleza, com os cabelos e unhas feitas. E o homem deve ser forte, rústico, peludo, vestir-se formalmente, entre outros atributos que nos são impostos. Se a mulher não tiver uma vaidade como mando o requisito de ser mulher, ela já não é mais uma mulher normal, já é julgada, pré-determinadas com termos pejorativos, como lésbica, caminhoneira, sapatão, fancha (que significa grossa ou grotesca, no sentido de ser mais masculinizada). Sair desses padrões de feminilidade ou masculinidade acarreta outros tipos de denominação, como os mencionados acima.

Com um olhar social crítico visto do lado oposto da coisa, do ser homem ou ser mulher, é muito difícil, porque não se tem uma voz ativa. Quando fugimos desse padrão heteronormativo, deixaremos de fazer parte desse grupo, ou da sociedade, da família e até mesmo de uma classe social. Se sairmos fora deste padrão preconcebido, automaticamente, já somos tachados de loucos ou anormais, termos muito utilizados no passado para explicar os “desvios” de conduta sexual. Imagina um homem que tem a predisposições ao feminino, como sofrem com os olhares insanos, raivosos e violentos das pessoas que não respeitam o seu modo de vida? Butler (2003) sugere uma quebra de tabus que a sociedade patriarcal e masculina nos impôs ao longo da história.

O homem enquanto homem sempre teve que mostrar a força, a raiva, voz ativa. O ser humano do sexo masculino sempre foi reconhecido por ser o “homem” da casa, o “homem” de família, o que provém o sustento, e se sairmos fora desse padrão, já somos mal vistos. Os padrões sociais são muito rígidos e cruéis com os seres humanos que desejam outras experiências e formas de vida. São essas e outras inquietudes que me chocam e me movem a pesquisar o tema da misoginia. Pergunto-me todos os dias como

é ser gente? Pois cada um tem sua identidade de gênero, e se mostra daquele jeito, mais na maioria das vezes, as pessoas se escondem atrás de uma cortina de fumaça.

Para falar sobre os preconceitos que os gays sofrem, de certa forma perante determinados grupos e até mesmo pela sociedade em geral, posso usar o autor e escritor Daniel Borrillo (2010), e as principais ideias a serem discutidas e problematizadas a partir desse autor é o conceito de homofobia, esclarecendo que muitos dos olhares sobre esse tipo de violência são limitados e passíveis de aprofundamento. Borrillo explica que as origens da violência homofóbica estão fixadas junto às da civilização judaico-cristã e que, por isso, as citações históricas e referências teóricas contidas na obra são incompletas e não visam esgotar a discussão em torno do tema. O autor argumenta basicamente que:

A violência homofóbica é didaticamente classificada e conceituada, definindo a homofobia como uma forma de inferiorizar, desumanizar, diferenciar e distanciar o indivíduo homossexual à semelhança de outras formas de exclusão como a xenofobia, o racismo, o antissemitismo ou o sexismo (BORRILLO, 2010, p.01).

A sociedade tem uma forma de olhar totalmente cristã sobre as pessoas. O que quero tentar nesta pesquisa é basicamente falar do por que do preconceito em si, e principalmente, o porquê o preconceito dentro do mesmo espaço LGBTQ+ contra os gays afeminados. Peter Fry (2005/2006) fala sobre a questão de desigualdade da diversidade, avançando na teoria de que o mundo que desvenda a origem das desigualdades sociais. Em nosso meio, os padrões ocidentais, arcaicos e cristãos são bastantes presentes em nosso dia a dia. Para falar sobre uma civilização, Peter Fry fala da raça e depois sobre gênero e que puxa por alguma etnia. As desigualdades acabam caminhando juntas.

O autor trata da igualdade, nos trazendo como exemplo a questão do sufrágio universal. Quando se fala de padrões normativos, estamos falando de seguir padrões onde já estão colocados, pré-definidos por uma sociedade caucasiana, uma civilização branca, heteronormativa e binária. Quando saímos dessa linha onde somos pré-determinados, automaticamente já saímos deste parâmetro social.

Com isso já somos vistos de alguma forma, de vários modos e aspectos. Podemos dizer que todos somos *queer*. Podemos compreender o *queer* como aquele que

sai do padrão normativo social. Hoje todos falam que tudo que nos rodeia e gira é normal, mas quando adentramos a fundo em questões de parâmetros sociais, existem várias formas de preconceitos determinados; julgar as pessoas é mais fácil que se julgar e se colocar no lugar do outro, se conhecer. O corpo fala mais que as próprias palavras em sua grande maioria.

Marcia Tiburi (2015) fala um pouco do fascista impotente. A autora aborda a questão do medo que as pessoas têm quando se sentem atraídos pelo novo, um desejo retraído ou mal resolvido. Procura nos mostrar a forma de como o indivíduo encara essa nova experiência. A impotência de colocar-se no lugar do outro, de tentar pensar no que possa fazer ou falar, essa forma brutal de julgar as pessoas em um único contexto, o da nossa própria vivência, da forma de ver no outro um desejo reprimido, que se torna um fascínio; no desejo reprimido, o amor mal resolvido se torna ódio, uma fala mal dita torna-se as coisas mais incompreensíveis de se entender. Essa repulsa que o machista tem contra gays em geral, corresponde ao medo de aceitar o outro da forma que ele é. Seguir parâmetros sociais é dizer que o indivíduo como pessoa é um ser social, que deve seguir determinados padrões de convivência e existência.

O desejo ou fascínio por gays ou pelo diferente é considerado imoral, inaceitável diante dos olhos da sociedade. Quando falamos de uma hierarquização masculina, percebemos já em nosso meio de convívio entre os próprios gays, que também existe essa hierarquização enquanto gay. Assumir que é gay já não basta, temos que ter algo a mais para nos definir dentro de determinado grupo, ou certo nicho de gays.

A questão do gay afeminado envolve uma discussão densa, uma problematização social. São poucos gays que se definem como gays afeminados seja por medo da reação de outros gays; ou medo de se assumirem diante da família ou diante da sociedade que nos padroniza, desde antes do nosso próprio nascimento. O medo da reação das pessoas diante da sua escolha de ser um gay afeminado, ou não, faz anular essas identidades e vontades. A questão de ser gay e afeminado acaba gerando uma espécie de desconforto nos outros “tipos” de gays, que acham um absurdo você não ser só gay. Consideram que é errado ser um gay afeminado. Por vezes, o gay afeminado é considerado um, ser anormal dentro do próprio grupo LGBT, fruto de uma hierarquização heteronormativa masculina e branca que também atinge o imaginário dos distintos grupos de gays.

Estamos brigando por uma igualdade social, igualdade de raça, de gênero, de direitos. A aceitação dos homossexuais nas sociedades modernas evolui cada vez mais, apesar de ainda ter muito preconceito e tabus em relação a essas pessoas. Mas admitir, aceitar gays que se travestem, aí é mais difícil, pois ser afeminado já passa para uma figura feminina, que também sempre foi vitimizada nas sociedades modernas. Temos um enorme leque de categorias para explicar as relações de gênero e os distintos grupos de gays. Cada grupo se identifica por determinadas características que os distingue dos outros grupos de gays. Mas ainda existem aqueles indivíduos que parecem não se enquadrar em nenhuma categoria.

Defender um grupo é muito difícil, pois falar que está disposto a brigar, encarar essa realidade não é fácil para ninguém, pois encarar uma sociedade totalmente tradicionalista, cristã, ortodoxa, arcaica, binária, branca e cheia de preceitos, crenças e preconceitos se torna quase impossível, é um fardo muito pesado para uma pessoa que já possui um histórico de preconceito e discriminação por causa da sua orientação sexual. Tentar mostrar ao mundo que se identificar com um gênero, não é expor totalmente o caráter de alguém. Podemos ser gays e ser outras coisas também. Uma pessoa que é gay, afeminado ou masculinizado também é um ser normal, não?

Tentar agradar o outro é mais difícil do que pensamos. Hoje em dia, uma palavra dita de forma errada, ou fora de contexto pode se tornar uma grande arma contra nós mesmos. A questão de gênero e sexualidade cria conflitos violentos e radicais entre indivíduos que pensam e age diferente uns dos outros. Já existem muitas respostas e vitórias conquistadas pela causa LGBTQ+. Mas é comum ser noticiado casos de abusos e violência física contra os gays, principalmente, entre os gays afeminados. São crimes que ficam impunes e se tornam cada vez mais comuns, mesmo após a evolução do debate, das leis e dos direitos humanos.

Essa questão de nos conhecer é muito difícil, aceitar o corpo, as nossas formas de vivência ao longo da vida. Passamos por diversas transformações que acabam nos envolvendo emocionalmente. Se colocar no lugar do outro também é muito difícil. Existe muita incompreensão entre as pessoas e falta empatia entre os seres humanos. A nossa forma de vestir, nossos hábitos, formas de agir acabam revelando um pouco da nossa personalidade e somos julgados pela sociedade pela postura que assumimos na

vida. O gay tem que enfrentar muitas barreiras, tanto emocionais, como familiares e com relação aos padrões normativos impostos pela sociedade.

Mas como Marcia Tiburi (2015) nos alerta, o *fascista impotente* não tem vontade de ampliar seus horizontes, acaba se apoiando em um pensamento fixo e autoritário. Tira suas conclusões da sua própria visão de mundo, sem relativizar a situação do outro no mundo. A questão de nossas crenças nos segue há séculos; começa dentro da nossa casa e depois passamos adiante para a rua. Somos o reflexo de nosso lar, da nossa família e das pessoas que circundam a nossa vida social. Mas nunca é demais lembrar que se tudo está no social, então, podemos mudar.

Ser gay afeminado não é demonstrar algum tipo de desejo sexual pelo feminino e sim, se identificar com o gênero, tentar decifrar esse mundo tão cheio de fantasias e sonhos é impossível, pois cada dia nos vemos que nos tornamos diferentes e acarretamos mais experiências de vida. O medo de se mostrar pode ser fruto da repressão nas ruas, nos bares, nas festas e assim por diante. Uma sociedade como a nossa é muito difícil, na verdade é meio doloroso a meu ver. O medo nos torna mais cautelosos diante do desejo de revelar quem somos e as nossas vontades para a sociedade. Mas o medo também pode nos encorajar para a luta, para a vontade de mudar as injustiças e as monstruosidades que são cometidas contra os gays e os distintos grupos que militam na causa LGBTQ+.

A forma de se vestir também é uma forma de se mostrar, de protestar diante dessa indignação social. Muitos gays não se mostram por esse medo de ser julgado pelo outro, com um olhar diferente. A discriminação é de dentro para fora. O preconceito, o repúdio e o ódio pelos gays começam por vezes dentro de casa. Esse medo de se abrir e ser julgado tem todo um sentido dentro e fora do nosso meio de convivência. Ser aceito pelo que você é e não pelo que você veste é muito raro, pois é comum sermos julgados pela aparência e não pelo que somos de verdade. Maquiar uma pessoa é tão fácil como maquiar a vida, mais encarar de fato a realidade é muito difícil, por isso montar um personagem para a sociedade é bem mais fácil do que sofrer discriminação ou fobia social.

Quando se trata de ser um ser social, quando saímos da porta para fora de nossas casas, automaticamente já estamos nos mostrando, nos expondo. Existe sempre alguém

que nos julga e repara naquilo que somos ou “representamos”. Na sociedade em que vivemos existem diversos estereótipos, mas devemos tomar cuidado com eles e nos concentrar na questão de que o mundo é um complexo de identidades diversas e distintas umas das outras. É muito comum nos deixarmos levar pela aparência sem levar em consideração o outro e aquilo que ele representa no mundo. O gay afeminado além de ele ser julgado por seu estereótipo “feminino”, possui outros termos pejorativos para caracterizá-lo. Muitas vezes nem nos perguntamos o porquê de estarmos fazendo um juízo de valor das pessoas, simplesmente, fazemos.

Como aluno que recebe bolsa auxílio da PROCOM como bolsa permanente destinada aos alunos carentes, eu tive de trabalhar e isso ocorreu durante todo o meu percurso como aluno de ciências sociais. Passei por diversos locais e gostaria de narrar alguns episódios marcantes no tocante à homofobia e misoginia. No próximo capítulo ofereço um breve relato de minhas passagens por lugares da UFG nos quais fui tratado com preconceito e até violência.

CAPÍTULO 2

Homofobia, misoginia e preconceito: experiências vividas

2.1. Misoginia: há fobia social entre os gays.

Quando passei a ver o outro lado da moeda como, ver com um olhar mais aguçado e sociológico, percebi que entre o próprio grupo LGBT existe sim uma visão também de preconceito e principalmente de misoginia homofóbica. Pude perceber isto a partir de uma experiência quando participei do ENUDS (Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual) realizado na UFG em 2013.

No decorrer do evento, fui a uma das festas que aconteceram no terceiro dia, eu estava com um grupo de colegas e do nosso lado outro grupo LGBTQ+, pude perceber de uma transexual a misoginia com outro gay que não era trans, porém era extremamente afeminado, chegando para cumprimentar outras pessoas e a mesma com ironia e com ar de deboche, virou para as outras pessoas que ali estavam e falou bem alto: “Quem é essa gayzinha-afeminada? Credo, tire-a daqui, sujando nossa imagem”. Isso dentro do próprio espaço LGBTQ+. Fiquei indignado pelo ocorrido e ninguém falou nada. Pelo outro lado, por ser um gay afeminado e jamais ter sido um gay pederasta (gay masculinizado), fiquei muito mexido por dentro, fiquei extremamente chocado com a forma que uns tratam os outros e ninguém fala e não vê nada.

Para mim são pequenas atitudes que nos levam a ver quem realmente são as pessoas, muitos dizem que são representantes ou que fazem parte de grupos de diversidade sexual e lutam pela igualdade social, se mobilizam, dizem e tentam fazer o que na verdade poucos fazem, para chegar em momentos como esse, em um evento que é reconhecido e comentado em todo o Brasil como um dos movimentos de maior valor em lutas e causas LGBTQ+ dentro das Universidades federais do Brasil.

O que venho mostrando ou tentando até agora é que algumas pessoas demonstram seus preconceitos, que são visíveis em muitos momentos, e as outras pessoas não veem ou, na maioria das vezes, fingem que não veem.

Paro para pensar aonde é que está essa grandiosa e preciosa luta pela igualdade social que vivemos hoje em dia, uma total hipocrisia a que vivemos. Resolvi pesquisar mais a fundo o que realmente é gênero, conceitos sobre o quê e como isso é posto de verdade, o que realmente é sexualidade.

Quando falamos ou tentamos falar de uma realidade social, muitas pessoas que estão ao redor não entendem ou entendem, porém não aceitam. Nos dias de hoje com o avanço das redes sociais e tecnologia, é fácil saber todos os tipos de informação que recebemos, porém infelizmente, procuramos só o que achamos bom ou legal e, principalmente, o necessário. Na verdade, a todo momento acontecem coisas novas no mundo inteiro, pois o relógio não para, muito menos o nosso enorme mundo.

A toda hora presencio coisas novas, vejo coisas novas, pessoas novas, a todo momento a um novo para o mesmo lugar, só basta olharmos as coisas mais a fundo de uma forma mais humanizada, deparo todos os dias com muitos problemas e as formas diferentes que enfrento e enfrentarei sempre, nem por isso deixo de lutar pelos meus objetivos e principalmente, meus objetivos sociais.

Penso eu que defender causas não é só gritar, a causa é sim falar sobre o motivo, saber o que devemos fazer por relações mais justas, preocupar-se mais uns com os outros. As mudanças sempre começam de dentro para fora, falar é muito fácil, o difícil é realmente viver ou presenciar, “participar” penso que seria a palavra ideal. Os movimentos que querem revolucionar e lutar contra as desigualdades sociais, muitas das vezes desvalorizam os próprios companheiros, com formas pejorativas que remete ao meu ver, como um futuro sociólogo, uma forma de pensar que em sua grande maioria, é uma injúria reversa de fatos.

Tenho para mim que hoje é mais difícil debater com alguém próximo do que debater com um desconhecido, a troca de conhecimento é tão válida quanto, porém quando paramos para debater sobre o mesmo assunto a todo momento devemos ter argumento para que aquilo aconteça.

Quando se tem argumentação para um diálogo, seja ele qual for, jamais haverá brigas. Aqueles que discutem e não chegam a nenhuma conclusão, são aqueles que não tem argumentação para nenhuma solução, pois para ter argumentos temos que ser primeiramente plausíveis e também temos que ter uma certa carga de leitura, mais conhecimento nunca é demais.

Quando penso no que passo todos os dias, os olhares as piadas de mau gosto dirigidas aos gays afeminados como eu, ou outras pessoas que se mostram de uma forma para a nossa sociedade que é tão tradicionalista e religiosa, ser diferente é um marco perante a vários grupos, ainda mais se temos argumentos para tudo, assim somos conhecidos como loucos ou diferentes pela grande maioria, principalmente dentro de nossos âmbitos de vivência e convivência, isso eu falo de ambientes como:

Dentro de casa é o primeiro passo para vermos de verdade como a sociedade reflete sobre nós.

São as rodas de amigos,

É nas escolas,

Nas faculdades em geral, mas principalmente o primeiro preconceito esdrúxulo começa dentro de casa.

Parei para pensar de onde eu comecei a ver que eu era diferente, foi aí que percebi que era começando pelo meu jeito, depois pude perceber que não gostava de camisa e calça, e sim de roupas mais ousadas, um pouco mais leves, o que na verdade é muita diferença para nossa cultura social que sempre fomos ensinados dentro de casa que coisas de meninos são coisas de meninos e coisas de meninas são coisas de meninas. Comecei a reparar nas cores que sempre me impunham a usar, pois quase nunca gostava.

Sempre detestei calças sociais, calças de Brim, que é horrível a meu ver (risos), camisas sociais fechadas até o pescoço as mangas compridas fechadas, eu me olhava no espelho e me via como um padre.

Certos tipos de sapatos e tênis me incomodavam e minha mãe me obrigava a usar. Com o passar do tempo eu mesmo decidia a minha vestimenta, porém minha mãe e meu pai sempre acharam estranho eu gostar de coisas diferentes e que ao mesmo tempo remete-se a gays em primeiro lugar. Sempre detestei a cor rosa, mais sempre amei o azul, (risos), aí que começa as minhas próprias descobertas de diferenças.

Fui criado até meus 12 anos de idade em uma fazenda, quase não tinha contato com a cidade, ia só para estudar, mas mesmo eu com poucos colegas, eu já me sentia diferente deles, sempre me senti. Até mesmo pela atração física do corpo, mais isso não entrará em questão neste momento, agora não.

Sempre me vi com um sentimento de menina, sempre gostava de coisas mais femininas, porém como eu disse há pouco, fui criado na fazenda, e sempre fiz e gostei das mesmas coisas que meus irmãos gostavam e faziam, como por exemplo, tirar leite de vaca, ir com meu pai para outras fazendas levar o gado, sempre amei andar a cavalo, passava um dia, às vezes dois, para levar o gado, e me sentia bem, porém nunca me vi sendo um peão de fazenda, gostava de fazer certas coisas, mas não me atraía ao ponto de eu querer aquilo para minha vida, como foi com meu irmão, que até hoje ele mexe com fazenda e disso virou sua vida, não que seja errado, longe de mim falar isso, tudo é válido, até o momento que acaba o respeito. Aprendi que o respeito não começa onde o respeito do outro termina e sim que meu respeito começa junto com o do outro e termina aonde o dele termina.

Vejo que sempre gostei de coisas de fazenda, porém sempre me senti na maioria das vezes oprimido, pois não mostrava uma postura “correta” que um homem heteronormativo, teria no meu lugar. Quando pude ver que as coisas que eu gostava, diante dos meus colegas da escola, percebi que eu era diferente e ao mesmo tempo especial.

Passei a perceber a misoginia no decorrer da faculdade, na verdade sempre existiu, mas não a percebia, principalmente diante dos meus colegas e amigos gays, pois eles sempre me podaram pelas minhas atitudes, muitas vezes pelo fato de ser afeminado.

Por eu sempre ser afeminado ou mais feminino do que o normal, diante de outros gays, não significa que eu sou menos do que os outros, mesmo assim sempre me senti inferiorizado diante de vários fatos.

Pelo fato de ser afeminado as pessoas sempre me viram como um travesti, vários apelidos infames me colocavam, apelidos pejorativos (lembrando que coloco em discussão os termos, e de como eles são falados, e não me refiro à palavra travesti como um termo pejorativo, e sim como as pessoas me leem), como quando me chamavam de PAULETY, TRAVONA, ou a BICHA LOUCA , dentro da faculdade. Esses são os apelidos mais carinhosos que estou citando.

Quando eu tive a oportunidade de ler a filósofa Marcia Tiburi, percebi que as coisas não são do jeito que a sociedade nos impõe e a potencialidade das pessoas verem,

nós pessoas gays, somos vistos como bizarras, diferentes e sem qualidade nem uma apenas por sermos gays.

Penso eu hoje em dia que a homofobia vem de uma hierarquização binária masculina, pois temos uma cultura machista e que temos que quebrar todos os dias ou, pelo menos, tentamos quebrá-la todos os dias.

Quero falar sobre a participação dos gays dentro de uma sociedade totalmente reacionária e, principalmente, os gays afeminados que são vistos a todo momento. O gay que é afeminado é visto negativamente diante do próprio grupo LGBTQ, uma visão errada de que nós queremos virar travestis ou transexuais, uma visão dentro de um movimento que todos os dias brigam pela igualdade, respeito e compreensão de todas as classes e grupos.

A dicotomia que todos nós queremos é bem difícil de se lidar no dia a dia, pois as pessoas que lutam por uma igualdade social, ao menos na grande maioria, deixam transparecer todo tipo de preconceitos.

Sempre paro para perceber o que as outras pessoas dizem pelas suas atitudes e como elas reagem ao diferente, gosto muito de uma frase popularizada que diz assim: Não precisa ser gay para combater a homofobia. Essa frase para mim decifra tudo o que nós vemos todos os dias ou eu vejo em especial.

Olho muito para os meus amigos e vejo a diferença de mentalidade de um gay afeminado para um gay pederasta (gay masculinizado), pensam diferente uns dos outros, lógico que ninguém é igual a ninguém, porém vejo que na nossa grande maioria, muitos gays já me relataram que não gostam de mulheres por perto e principalmente gays afeminados, pois acham que nós gays afeminados somos afetados e afetamos a classe dos homossexuais ou pederastas.

Muitos gays se apropriam de algumas falas que nem eles percebem que estão sendo preconceituosos, muito menos enxergam o mau que fazem quando dizem coisas totalmente desfavoráveis ao grupo gay.

2.2. Departamento de Pessoal da UFG

Início falando de alguns relatos que me marcaram muito, desde quando eu entrei para a UFG. O primeiro lugar que fui trabalhar como estagiário foi na Reitoria, no Departamento de Pessoal (DP).

Quando pude ter uma nova percepção de como os olhares de onde comecei a trabalhar, era extremamente de estranheza e olhar de repúdio, outros de indignação, com a minha presença, pelo modo de me vestir, com o tamanho do meu cabelo que era maior e liso na época e a forma como me expressava em um lugar tão machista e ao mesmo tempo misógino. Falo de algumas cenas que pude perceber, tendo um olhar de fora, nos dias de hoje, com uma visão e uma carga de leitura maior, e até mesmo pela vivência, as experiências vividas, hoje eu posso perceber o quanto a violência simbólica, ações pejorativas, brincadeiras e piadas, coisas que eram tão visíveis, como por exemplo as brincadeiras de muito sarcasmo, pela forma de ser tachado de anormal pelas minhas roupas mais coloridas.

Quando me deparei com as fofocas dos outros departamentos por ser como eu era, a primeira menção sobre a minha pessoa era, quem era o travesti que está trabalhando no Departamento Pessoal, pelo fato do meu cabelo estar mais comprido na época e eu ser afeminado por gostar de usar shorts mais curtos acima do joelho, como por exemplo short saruel coloridos, blusas mais justas, isso já causa um julgamento de ser imoral diante do cargo que eu ocupava. Ouvia sempre das mulheres que cuidavam da limpeza me dizer que outros funcionários me abominavam pela forma como eu me vestia e como me portava, diziam que eu era a bicha mais diferente do momento, por usar shorts mais curtos e que tentava provocar os homens, em questão os casados.

Percebia sempre os olhares dos homens que trabalhavam lá e até um certo olhar fulminante das mulheres, pois achavam um absurdo meu estilo minhas roupas, minha forma de conversar me expressar e como eu me expressava diante de todos sempre bem humorado, sempre fui muito receptivo com todos à minha volta, porém as piadinhas que eu ouvia pelos arredores eram muitas.

Mas o que eu mais sofri não era pelos comentários e sim os olhares que me davam, um olhar de desprezo, de malícia. As meninas chegavam para conversar comigo,

não para saberem se eu estava bem, mas sim para saberem o que eu achava dos caras que trabalhavam lá e se eu tinha interesse em algum deles.

2.3. Centro de Seleção (CS) da UFG

Quando eu entrei para trabalhar no Centro de Seleção (CS) da UFG, aí sim eu pude sentir na pele o que era preconceito, tanto dos homens quanto das mulheres. Eu não sou contra nem um tipo de religião, contanto que me respeite e respeite meus pensamentos, fica tudo tranquilo, mas a grande parte das pessoas que nem olhavam para mim era de pessoas evangélicas. Eu entrei no CS com dois anos de UFG, quando entrei já senti olhares de desprezo do tipo: o repúdio dos olhares, a forma de tratamento totalmente desigual diante das outras pessoas que ali trabalhavam, paro para pensar no por que isso acontece, qual a forma certa de se portar ou de viver diante de uma sociedade tão truculenta como a que vivemos.

Algumas pessoas que ali trabalhavam, poucos me olhavam sem ser com olhar de desprezo, mas sim com respeito, com educação, perguntavam se estava bem, pessoas cordiais; os outros tinham uma visão totalmente destorcida de mim, vejo pela forma de tratamento, o que realmente essas pessoas pensavam sobre mim, se não podiam me dar um bom dia e serem cordiais dentro do próprio estabelecimento de trabalho, imagina na vida privada?

Trabalhei quase dois anos, sendo que neste intervalo eu fiquei quatro meses trabalhando no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Quando voltei a trabalhar lá de novo, infelizmente não aguentei por muito tempo, é de um tradicionalismo muito forte, cheio de preconceitos (pré-conceitos), que não são concebíveis, uma forma totalmente não educada de tratar um gay, como por exemplo, fui trabalhar um dia com um *short* normal, sem ser cumprido, me mandaram voltar, pois não estava vestido adequado para o lugar e para o trabalho.

Isso é uma forma de indignação que qualquer um se desmonta, enquanto algumas garotas podem trabalhar de decote, calças bem justas, saias curtas, me

pergunto, por que eu não posso, mais já me vêm a resposta em segundos, não que eu não possa, e sim pelo fato de eu ser gay e afeminado.

2.3 Casa do estudante (CEU I), moradia estudantil da UFG

Entrei para a moradia da Casa do Estudante em 2011 e, quando entrei, pude perceber que ali havia vários grupos, dentro de um só lugar. Os grupos dos gays, dos evangélicos, dos heteronormativos, o grupo dos negros, e assim por diante.

Quando me refiro aos grupos, é que ao mesmo tempo que estamos juntos, cada um tem afinidade com um certo grupo. Quando cheguei, me senti totalmente perdido, até pelo fato de ser afeminado, os gays me achavam estranho, pois nunca fui um gay masculinizado, como já falei.

Os heteronormativos, de uma certa forma, provocam misoginia com as mulheres e com os gays, muitos nem olham ou viram o rosto para não ter que olhar, isso é entristecedor, pois estamos no mesmo barco, por que temos que nos voltar só ao nosso próprio mundo?

Lutamos todos os dias pela igualdade social e de gênero, paramos para ver e a raiz do problema em questão da homofobia esta ao nosso lado e não percebemos na grande maioria, posso perceber nas conversas de rodas que as vezes sento, como alguns heteronormativos se posicionam em certas conversas, como a grande maioria é equivocado com as palavras, as vezes usam autores que nem falam sobre assuntos que estão em questão e evidência.

Morar em república (em moradias coletivas) de fato não é fácil, primeiro começa pela privacidade, depois começa de como se portar diante de vários fatos que acontecem e ninguém se importa, como por exemplo a questão de problemas coletivos, como já ocorreu casos de estupros com duas garotas, eu também sofri um caso de violência na esquina de casa, em frente ao Centro Cultural da UFG, alguns guardas noturnos estavam em frente a moradia, e não fizeram nada.

Eu e um amigo meu voltando para casa em um dia de sábado, fomos achar algo para comer e quando voltamos fomos abordados na esquina de casa, os garotos eram

esqueitistas, eram três, eles nos abordaram já nos batendo, nos xingando de nomes desprezáveis, do tipo: gays tem que morrer, viados merecem pé na cara, que gays tinham que levar bala na cara, que gays eram monstruosos e sujavam a imagem deles.

Ao mesmo tempo que eles nos xingavam, eles nos batiam com os skates e pontapés, no rosto na barriga, nas costelas. Porém ninguém da moradia estudantil tanto alunos, quanto funcionários da Procon da UFG fizeram algo.

Fiquei muitos dias sem sair do quarto com vergonha, o vazio enquanto ser humano, pensava a todo momento no porquê aquilo aconteceu. E só pelo fato de estar afeminado, não é um problema para mim, e sim para essas pessoas que são facistas impotentes que não tem a capacidade de ver a felicidade de ser gay afeminado e me sentir bem.

Fiquei por meses pensando que tudo que aconteceu comigo era culpa minha, pois hoje eu tenho um pensamento totalmente diferente do que pensei, hoje eu vejo que a culpa não é minha e sim de uma sociedade totalmente patriarcalista, machista, religiosa que se empoderaram de uma certa forma de mostrar a sociedade que, tudo que não esta encaixado no padrão normativo binário é errado.

Podemos perceber que esse pensamento que nada mais é que arcaico já passou, hoje vivemos em um mundo totalmente diferente, onde podemos sim ter a voz de liberdade de expressão, ser, viver e querer estar em qualquer lugar, pois somos todos igual de carne e osso, se parar para pensar, se abirmos cada um de nos, tirando as genitália, somos todos iguais.

O que define uma sociedade não é a forma que aprendemos, o que nos define é uma nova forma de pensamento que engloba o respeito entre as pessoas e o respeito da forma do outro pensar como ser humano. Quando podemos perceber isso, começamos a ter uma visão de mundo totalmente diferente, uma forma real de viver em harmonia.

Quando paro para olhar o que realmente a casa do estudante significa, vejo que ela não é uma escola de um bom convívio, e sim uma escola de segregação, que gera em sua grande maioria, pessoas individualistas.

O que é posto a nos, para uma grande parcela que vive dentro das casas, é de temor, de medo, medo de se mostrar como é de verdade, a vontade de ser e não poder estar atrelado a essa corrente anti-social que vivemos todos os dias, os grupos que se

formam dentro da casa, o que é bem visível, e com certeza o grupo LGBTQ+ é o mais visado de todas as moradias, pois somos nós que vamos brigar por direito, somos nós em nossa grande maioria que temos atitude de irmos reclamar dos absurdos que acontecem dentro da casa, não só estrutural, mas também fatos como misoginia, homofobia, sexismo, o machismo que é muito forte, tanto com as meninas e também com os gays em geral.

Tentar conciliar os problemas da moradia com a assistência social e a Pró-Reitoria é muito difícil, pois por um lado as assistentes sociais ficam de mãos atadas por falta de recursos e também em sua grande maioria não conseguem lidar com os problemas que se acarretam dentro da casa com os problemas da homofobia.

A Pro-reitoria de assistência estudantil, na sua grande maioria são homens que trabalham, já podemos ter em mente o que passamos, as brigas que temos que travar para poder sermos ouvidos. Hoje o grupo LGBTQ+ da moradia estudantil da casa 1, onde eu moro, estamos muito mais fortes, pelas questões da violência que estamos passando, dentro e fora da casa.

Posso citar os problemas que enfrentamos na questão de gênero e raça no Restaurante Universitário, alguns funcionários que fazem piadas com os gays, a forma do olhar de repúdio pela vestimenta, como eles se posicionam diante de nós, a forma do tratamento, posso citar algumas vezes que eu e minhas amigas transexuais entramos com roupas que eles dizem ser inadequada ao lugar.

Fico pensando, se é a roupa ou se é os lugares que determinam nossas vestimentas, obviamente que não sairia pelado por ai, mas, será mesmo que existe a roupa certa para um lugar adequado? Até quando os gays vão ser humilhados por nossa aparência ou opção sexual, fico imaginando de que forma temos que lidar com uma violência que só quem passa, percebe a dimensão do problema, a forma abusiva que as pessoas nos tratam, até quando isso vai durar!

Quando comecei a ler o autor Didier Eribon, seu livro “Reflexões Sobre A questão Gay”, me identifiquei muito, pois me identifiquei na questão da vivência própria, ele retrata sobre as várias formas de injúria, desde se descobrir, qual sua identidade de gênero, qual a forma de tentar sair dessa bolha do preconceito e seguir a diante, ele tem um olhar crítico, uma visão selhante à que Hannah Arendt tem sobre a questão do preconceito sobre os Judeus e negros e de como são afetados pela sociedade. Ele mostra

que gays e judeus, por exemplo, estão no mesmo nível de hierarquização, sob o mesmo olhar de injustiça e injúria social:

A injúria produz efeitos profundos na consciência de um indivíduo pelo que ela diz a ele: “Eu te assimilo a”, “Eu te reduzo a”. A injúria é um enunciado performativo: ela tem por função e principalmente instituir, ou perpetuar, o corte entre os “normais” e aqueles que Goffman chama de “estigmatizados”, fazendo esse corte entrar na cabeça dos indivíduos. A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que eu sou. (ERIBON, 2008, p.29).

Por este trecho podemos nos permitir em ver de certa forma que a sociedade nos olha de forma que tem um enorme tabu em uma assimilação entre tudo que não é legal, normal, moral, diante de uma sociedade totalmente tradicionalista e religioso. Nós gays em geral, somos taxados como infames, imorais, bizzaros, estranhos, por não encaixarmos nos parâmetros normativos que a sociedade impões sobre nos.

A falta de informação leva o ser humano á ser uma pessoa totalmente excludente na questão do outro, para o outro ser humano, este pensamento está enraizado, posto de forma que se não nos adequarmos nos estamos fora, automaticamente fora.

A violência que passamos na rua é um reflexo do que somos ensinados dentro de casa, uma forma arcaica de mostrar o que é certo ou errado. Aí eu me pergunto, o que é certo e o que é errado?

Percebo que cada dia mais as pessoas estão se distanciando, porém sempre estão atualizando seus aplicativos nos celulares, mas esquecem completamente do mundo real aqui fora. Percebo pessoas que se dizem militantes de algum grupo ou até mesmo de frente de lutas, mas quando vou conversar, saber mais a fundo, posso perceber que as pessoas ainda não se deram conta que o mundo hoje está mais aberto a possibilidades de conversas, e que, infelizmente as pessoas só atuam em seus *facebooks*, *twiter* e entre outros aplicativos.

Enquanto na realidade, não sai da bolha, não olham o que estão falando ou fazendo, a forma que a sociedade se integra de maneira rápida, porém sempre conservadora em grande maioria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Venho com este trabalho tentar mostrar a falta de respeito que nós homossexuais, bissexuais, transexuais, lésbicas e pessoas *queer* passamos todos os dias, a violência simbólica que passamos tem que se desintegrar, mudar. Penso em uma nova desconstrução social, realizar novos projetos dentro da universidade, mostrar que de fato o grupo LGBTQ+ também quer ser ouvido.

As políticas públicas que venho defender neste trabalho são por mais visibilidade social dentro das instituições educacionais, mostrar o que de fato o País está passando, por termos mudanças, tentando virar esta página de uma forma que todas as pessoas tenham de certa forma acesso a mais fácil a faculdades tanto públicas quanto privadas sem ter medo de ser recebidas com um preconceito truculento dentro dos vários cursos.

Temos que mostrar e falar mais sobre gênero sim, e abordar mais nas políticas sociais a questão dos grupos de minoria, que dificilmente são aceitas dentro das instituições, temos que abrir mais vagas para cotistas, mulheres negras, homens negros, transexuais negras que também não têm visibilidade e acaba por acarretar mais preconceito.

Quero pensar em uma forma mais ampla, uma política pública que abrange nossa gama de pessoas *queer*, transgêneros, transexuais negras, mulheres negras, temos a possibilidade de pensar em novas políticas de dentro a todas as universidades, que tenham um apoio a pessoas de outro gênero, raça e etnia.

Penso em uma educação não precarizada, uma forma mais ampla de pensar não só na entrada dessas pessoas, mais sim a visibilidade que isso pode ter, a minoria que possa ter também sua voz ativa.

Pensar em políticas de abrangência para pessoas que diferentes gêneros, um local onde possamos nos abrir, falar de nossos problemas e que sejamos ouvidos e termos respostas.

Falar sobre misoginia dentro do âmbito LGBTQ+, dentro do âmbito universitário é um pouco difícil, pois um relato autobiográfico difere dentre as dicotomias que cada grupo tem como expressão. Quando falo de expressão, me refiro a tudo da vida social e também privada, pois esta última também interfere em nosso dia a dia. Estou vindo por meio deste trabalho para mostrar como a misoginia é praticada dentre os grupos LGBTQ+ e como essa relação com a misoginia com gays afeminados é igualmente parecida com o que acontece à mulher heteronormativa.

Pois falei do meu interesse nesta pesquisa, que me intrigam os vários momentos no dia-a-dia da UFG, um espaço que podemos sim ter uma visibilidade de respeito, todos os dias da semana. Nada justifica (pinga, por estar embriagado ou por ser homem), essa justificativa já não é mais válida para a violência.

Quando falo na questão social, eu cito como um grande exemplo para nós da comunidade LGBTQ+, Hannah Arendt, em seu livro “O totalitarismo”, que foi lançado na década de 1940 e ficou conhecido em meados dos anos 1950 por retratar a forma da barbaria sobre o preconceito e a forma como eles foram tratados e torturados, é de uma certa forma uma abordagem sobre do que acontece em nossa realidade e o que nos do grupo LGBTQ+, passamos pelos dias de hoje (ERIBON, 2008). O autor cita Hannah Arendt: “Não pode haver direito de ir e vir ao hotel, ao centro de lazer, ao lugar de divertimento escolhido” (...) “Tudo tem a ver com o domínio do puro social, que o principio é de igualdade” (p. 244). Com certeza é estranho assimilar um hotel ou um centro de lazer a uma associação e admitir, por via de consequência, a possibilidade de recusar o acesso a esses lugares e tal ou tal categoria de pessoas em virtude dos princípios que reagem o direito de associação.

Hannah Arendt desejava, antes de tudo, por o acento no fato de que : “ Sem discriminação de espécie alguma, a sociedade simplesmente cessaria de existir e que a possibilidade capital de se associar e de formar grupos desapareceria quase por completo” (idem)

E na esfera da política que é preciso intervir não para escapar como indivíduo, ao grupo ao qual pertence, mas ao contrario, para falar e agir como indivíduo que “represente esse grupo”, Isso significa que tal ou tais indivíduos falará(ão) em nome dos outros.

Como podemos ver, Arendt, se a existência dos grupos “DIFAMADOS” é constituída dos traços psicológicos inscritos no cerne dos indivíduos que pertencem a esses indivíduos que compõem esses grupos, que podem intervir no espaço público para fazer a visão do mundo e a cultura que tem, e assim, podemos considerar Hannah Arendt a filósofa do movimento gay, que incluem também todas as classes e grupos marginalizados. (ERIBON, 2008).

REFERÊNCIAS

- BARRENECHE-CORRALES, Johana. O método autobiográfico e a pesquisa social, testemunhos e histórias de vida. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, agosto, 2008, p. 01-07. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST50/Johana_Barreneche_Corrales_50.pdf. Acesso em: 13 de jan. 2016.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia-Historia e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BUTLER, Judith P. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Daniela Márcia Caixeta. Descortinando a Homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 585-87, ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200019/22865>>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FRY, Peter. Ciência Social e política “racial” no Brasil. *Revista USP*, nº 68, São Paulo, dezembro/fevereiro, 2005-2006, p.180-187. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/68/15-peter-fry.pdf>. Acesso em: 03 de jan. 2016.
- GONÇALVES, Eliane; BORGES, Lenise S. Ódio às mulheres: Misoginia está na base da violência contra as mulheres. Goiânia: *O Popular*, 14/09/2011. Disponível: <https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/%C3%B3dio-ao-feminino-1.34966>, acesso em 2018.
- MAINES, David R. Writing oneself versus writing the other: comparing autobiographical and Life histories data. *Symbolic Interaction* Volume 24, Number 1, 2001.
- TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*. 1ª Edição. São Paulo: Record, 2015.
- TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista? *Revista Cult*, 2015, p. 01. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/12/como-conversar-com-um-fascista-introducao/>. Acesso em: 10 de fev. 2016.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados. Unicamp: *Cadernos Pagu* (5), 1995, pp. 7-41.
- REZENDE, Renata; COTTA, Diego. “NÃO CURTO AFEMINADO”: HOMOFOBIA E MISOGINIA EM REDES GEOSOCIAIS HOMOAFETIVAS E OS NOVOS USOS DA CIDADE. *Revista Contemporânea, Comunicação e Cultura*, v. 13, nº 02, maio-ago 2015, p.348-365. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13860>. Acesso em: 10 de fev. 2016.

VIEIRA, Helena. Teoria Queer, o que é isso? Revista Forum, 2015, p.06-07. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/06/07/teoria-queer-o-que-e-isso-tensoes-entre-vivencias-e-universidade/>. Acesso em: 15 de fev. 2016.

Site:

<http://doisperdidosnanoite.blogspot.com.br/2011/06/nossa-lingua-portugaysa-efeminado-ou.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=R71v-akXmxA>